



III Jornada Internacional
Semântica e Enunciação



2021



PROPOSTA DO SIMPÓSIO TEMÁTICO:

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DE PESQUISA E DE AÇÃO: O USO DA LINGUAGEM PARA QUESTIONAR O STATUS QUO E INCLUIR

Sueli Salles FIDALGO¹

Eliane Pereira Domingues DA SILVA²

RESUMO: Esse simpósio está organizado para apresentar trabalhos desenvolvidos por membros dos Grupos de Pesquisa ILCAE – Inclusão Linguística em Cenários de Atividades Educacionais – e GEICS – Grupo de Estudos e Pesquisa Identidade e Cultura Surdas –, que estejam ligados ao Projeto de Pesquisa e Extensão *a inclusão social-escolar: diferentes linguagens, diferentes formações, diferentes modalidades para diferentes necessidades. Seria uma questão de especializações ou de posicionamento crítico (e humilde) frente ao mundo?* – ou trabalhos que se afinem com as ideias desses grupos e projeto. Mais especificamente, os trabalhos devem se organizar em torno do objetivo da pesquisa acima citada, qual seja, criar contextos de formação de professores que tenham, no confronto de ideias e de compreensões – parte do conceito de colaboração - possibilidades de reconstituição dos participantes envolvidos, com vias à promoção da inclusão social-escolar de pessoas com diferentes necessidades educacionais específicas. Os trabalhos propostos devem ter como base o foco na análise constante das políticas públicas de inclusão, verificando em que medida são, elas mesmas, mantenedoras ou transformadoras do estado de exclusão e, ainda, até que ponto os contextos de formação socialmente existentes permitem a formação de participantes que se sintam agentes de sua história e não por ela determinados. Com tal finalidade, embasam-se na Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol) proposta por Magalhães ao longo dos últimos vinte e nove anos de pesquisa e discutida por Magalhães e Fidalgo (2019), na Teoria Sociohistórico Cultural do desenvolvimento proposta por Vygotsky (entre 1922 e 1934), especialmente em seus estudos sobre *Defectologia* e em conceitos como o de *compensação social* e as *funções psicológicas superiores (FPS)*, já que desenvolver as FPS era o foco vigotskiano a despeito da deficiência que possa ser apresentada pelo aluno. Os trabalhos aqui apresentados também se embasam na concepção de educação inclusiva, sem, no entanto, se entender educação inclusiva como o termo parece ser compreendido por algumas políticas públicas, ou seja, não compreendemos educação inclusiva como sinônimo de inserção de alunos em salas comuns sem que haja formação para o professor que atua com esses alunos ou flexibilização de material didático e currículo para (ou pelo) professor para que este consiga, de fato, promover a inclusão. Além disso, é compreensão dos grupos de pesquisa citados que, em alguns casos, a inclusão social pode se dar precisamente pelo trabalho em escolas especiais (i.e.; escolas bilíngues para Surdos) e não em escolas comuns pouco preparadas para tal.

1 Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – susadalgo@gmail.com.

2 Universidade Adventista de São Paulo – UNASP - eliane-pds@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem reflexiva-argumentativa. Pesquisa crítica de colaboração. Teoria sociohistórico-cultural. Dicotomia exclusão-inclusão.



III Jornada Internacional
Semântica e Enunciação



2021



RESUMOS APROVADOS:

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: ESTRATÉGIAS
INTERACIONAIS LINGUÍSTICO-CORPORIFICADAS**

Caroline Paola COTS (UNIFESP)
carolinecots@gmail.com

RESUMO: Nosso objetivo é investigar as interações escolares envolvendo estudante com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) com ausência ou limitações de recurso verbal. Estudos de uma perspectiva sociointeracional da interação social (AUBURN e POLLOCK, 2013; KORKIAKANGAS e RAE, 2014; CRUZ, COTS e LUIZ, 2017; CRUZ, 2017; 2018; COTS, 2018) mostram que na ausência ou limitações e alterações de fala, os recursos corporais ganham uma importância significativa nas interações de sujeitos com TEA e seus interlocutores. Nesses casos, é necessário o sujeito não-autista se atentar e possibilitar a interação muitas vezes em um formato mais corporificado. Sendo assim, na interação social em ambiente escolar, observaremos as práticas (ex)inclusivas buscando traças estratégias para o professor, mediador das interações escolares, auxiliar a participação do estudante com TEA no e como parte do grupo escolar. Ao promover a troca interacional entre estudantes com e sem TEA, supomos que haverá a inclusão escolar do estudante com TEA e, ao possibilitar a experiência de vivenciar diferentes formas de interagir (aos estudantes e professores sem TEA), a inclusão para além dos muros da escola. Para realização do estudo, acompanharemos e registraremos em audiovisual interações escolares envolvendo crianças com TEA pouco e/ ou não-verbal e estudantes e professores sem TEA (devidamente autorizados pelo Comitê de Ética em Pesquisa, pela escola, pelos responsáveis e pelos participantes) e, ao mapearmos e observarmos essas interações e com base em estudos desenvolvidos até então, proporemos um curso de formação para o professor se munir de estratégias para mediar e possibilitar a interação social entre estudantes com e sem TEA e assim promover a inclusão social-escolar. Embasaremos nosso estudo em uma perspectiva multimodal da análise da interação social (STREECK, GOODWIN e LEBARON, 2011; MONDADA, 2012, 2014, 2016) e na teoria sócio-história-cultural de Lev Vygotsky. Metodologicamente, trabalharemos também com o método da Pesquisa Crítica de Colaboração (ARANHA, 2009; 2015; MAGALHÃES, 2011; FIDALGO, 2018), buscando ações e reflexões que proporcione uma ressignificação, para os participantes, de conceitos e práticas relacionados à (ex)inclusão escolar do estudante com TEA. Essa pesquisa vem sendo desenvolvida na Unifesp, sob orientação das profas. Dras. Sueli Salles Fidalgo e Fernanda Miranda da Cruz e com financiamento da CAPES.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista. Interações corporificadas. Formação de Professores. Inclusão Social-Escolar.

DISLEXIA, EDUCAÇÃO INCLUSIVA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: AÇÕES NECESSÁRIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL II.

Elaine POMPEU (UNIFESP)
e.pompeu05@gmail.com

RESUMO: Em minha experiência como professora e, mais recentemente, como coordenadora pedagógica da rede Estadual de Ensino, tenho percebido que entre as tarefas mais difíceis do professor incluem-se entender, observar e incluir o aluno com dificuldade em aprendizagem. Como alcançar esse aluno e como entender sua dificuldade? O que fazer para não tornar a experiência escolar um caos? Dentro do escopo das dificuldades, comumente me deparo com alunos com características de dislexia. Então, também me indago sobre esse tema: O que é dislexia? O que sabemos sobre ela? Sabemos trabalhar com a criança/adolescente com dislexia? E o coordenador tem respaldo para formar sua equipe para trabalhar com essa criança/adolescente? Foi a partir de questionamentos como esses que iniciei minha busca por instrumentos de formação contínua para o corpo docente. A formação contínua do educador poderá dar respaldo, tanto para ele se sentir preparado para lidar com crianças com tais dificuldades de aprendizagem, quanto para abrir novos caminhos para aprendizagem real do aluno, diminuindo assim a exclusão. Esta pesquisa investiga os caminhos a serem construídos para trabalhar com o aluno com dislexia do Ensino Fundamental II, em uma escola estadual situada em município da Grande São Paulo, respeitando sua individualidade e repensando metodologias que promovam a sua aprendizagem e desenvolvimento. Objetiva também, dentro desse escopo, formar o educador, principalmente o professor de língua portuguesa, para que este saiba observar o estudante, possa identificar as suas dificuldades e – talvez mais importante do que isso – possa identificar as formas pelas quais esse aluno aprende para, dessa forma, elaborar instrumentos pedagógicos que favoreçam o ensino-aprendizagem do discente com dislexia. O trabalho, ainda em sua fase inicial, está embasado na teoria histórico-cultural, especialmente em conceitos como compensação social, funções psicológicas superiores, zona de desenvolvimento proximal. Busca-se também verificar as teorias de ensino-aprendizagem e entender melhor os caminhos pelos quais o aluno com dislexia passa em seu processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento. Em termos metodológicos, o trabalho seguirá a PCCol – pesquisa crítica de colaboração

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem. Inclusão. Pesquisa Crítica de Colaboração. Instrumentos Pedagógicos.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM INTITUTOS DE IDIOMAS: INCLUSÃO PARA ALÉM DAS ESCOLAS REGULARES.

Karina Rocha NAZZARI (UNIFESP)
karinanazzari@gmail.com

RESUMO: Com o objetivo de assegurar, regulamentar e oferecer uma gama de serviços para a população com necessidades educacionais específicas, o Brasil vem, aos poucos, estabelecendo parâmetros de atuação a partir de pactos estabelecidos entre nações e documentos oficiais, a saber: ser signatário da Declaração Universal do Direitos Humanos (1948), e a Declaração de Salamanca (1994); a Constituição Federal de 1998; o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990); a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996); a Resolução CNE/CEB no 2 (2001); a Convenção Interamericana para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência (2001); a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) e a Lei Brasileira de Inclusão (2015). No entanto, algumas iniciativas de cunho educacional que se preocupam em oferecer cursos profissionalizantes e/ou de aperfeiçoamento não precisam demonstrar legalmente a preocupação de estabelecer um ambiente inclusivo por não precisarem estar de acordo com regulamentações propostas pelo MEC. A partir disso, a presente pesquisa tem como objetivo investigar os sentidos atribuídos por professores de inglês de um instituto de idiomas ao conceituar inclusão; verificar a maneira como esses professores planejam e adaptam (ou não) as suas práticas quando têm um aluno de inclusão em suas aulas e averiguar o quanto esses professores se sentem independentes e confiantes ao proporem adaptações em suas aulas. Essa pesquisa procura convidar os professores a refletirem sobre a sua prática a fim de que eles se sintam mais familiarizados e seguros ao lidarem com alunos de inclusão, se tornando agentes em seus contextos e contribuindo para que esses alunos participem mais ativamente em suas aulas e em suas comunidades. O recorte proposto por essa pesquisa inclui-se no paradigma crítico de pesquisa (Freitas, 2003) e utiliza-se da Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol) que, por sua vez, possibilita oportunidades de aprendizado e desenvolvimento de forma crítica a partir de criação de processos colaborativos entre pesquisador-participantes e professores participantes (Magalhães e Fidalgo, 2010). Amparados pela abordagem sócio-histórico de Vygotsky ([1924-1935] 1997; [1934] 1991, [1930] 2008) que passaremos, essa pesquisa propõe a coleta e análise de dados e pretenderá contribuir para a descoberta de informações que respondam e/ou sinalizem tendências para a elucidação dos objetivos propostos.

PALAVRAS-CHAVE: Formação continuada. Inclusão. Instituto de Idiomas.

O ENSINO DE LIBRAS COMO L2 NO CURSO DE PEDAGOGIA BILÍNGUE ONLINE: A VISÃO DO SUJEITO OUVINTE

Luciane Cruz SILVEIRA (INES/DESU/UERJ)
Lucianecruz72@hotmail.com

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar e compreender os limites e as potencialidades da proposta metodológica da disciplina de Libras sob a ótica dos estudantes ouvintes no ensino de Libras como segunda língua (L2) no Curso de Pedagogia, na modalidade educação a distância, numa perspectiva bilíngue (Libras e Língua Portuguesa). Tal curso pretende atender a uma demanda de formação de professores ouvintes para atuarem, prioritariamente, na educação de surdos. Tal proposta se justifica diante da necessidade de estudos que enfoquem a maneira como se dá o aprendizado de uma língua visual através de ferramentas tecnológicas e culturais. Até poucos anos, o ensino de línguas estrangeiras estava restrito ao ambiente educacional físico, sendo limitado pela capacidade de receber alunos por sala e pelo número de professores disponíveis. Com o advento da tecnologia (GALASSO, 2013), abriu-se um universo de possibilidades para o ensino e o aprendizado de diferentes línguas. Nessa perspectiva, Dotta (2012) sugere a necessária adoção de “estratégias e habilidades para manter o foco na discussão e estimular a participação de todos” (DOTTA *et al*, 2012, p. 375). No caso do aprendizado da Libras, língua de modalidade visuo espacial, houve bastante benefícios por meio de diversas ferramentas (síncronas e assíncronas) com uso de vídeos e imagens. Dessa maneira, busca-se observar se junto com a Língua há também a aquisição do conteúdo próprio da cultura visual desse recém-implementado curso a fim de se discutir a metodologia e os materiais didáticos utilizados no ensino da Libras como L2. Interessa pesquisar essa temática a partir da visão dos estudantes ouvintes. Por conseguinte, propõe-se uma pesquisa de campo, utilizando como instrumentos de coleta de dados entrevistas e questionários a serem aplicados junto aos estudantes ouvintes matriculados nos três níveis da disciplina de Libras, a saber: nível 1, básico (Libras 1/2 e Libras 3/4); nível 2, intermediário (Libras 3/4 e Libras 4/5); nível 3, avançado (Libras 6/7 e Libras 7/8). Serão selecionados cinco polos (dos 13 existentes), um de cada região do país (norte, nordeste, centro-oeste, sul e sudeste). Nesses polos, serão escolhidos três estudantes, um de cada nível – básico, intermediário e avançado. Desse modo, teremos 15 entrevistas, das quais participarão 3 alunos em cada um dos polos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de L2. Libras. Educação a distância. Tecnologias.

ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS *IN LOCO* PARA INCLUSÃO

Márcia Pereira de CARVALHO (SEESP)
marciapereiradecarvalho@gmail.com

RESUMO: Esta apresentação tem por objetivo discutir de que modo as sequências discursivas possibilitam vivenciar formação e ações *in loco* de uma aluna de Iniciação Científica do Ensino Médio, de uma professora-pesquisadora e de dois alunos com necessidades educacionais específicas, portadores de deficiência intelectual, na experiência de inclusão nas aulas de Língua Estrangeira Moderna – Inglês. A pesquisa é desenvolvida no contexto de uma escola pública de ensino comum em nível Fundamental II e Médio da Grande São Paulo. Nas escolas públicas, emerge a necessidade de inclusão (BRASIL, 2015), posto que as matrículas dos alunos com necessidades educacionais específicas têm aumentado nos últimos anos. A discussão abordará a Teoria Sócio-Histórico-Cultural estudada por pesquisadores como Vygotsky (1934/1991) e Leontiev (1979/2009), cujas premissas são a formação e trabalho coletivo para o desenvolvimento social e intelectual de cada um dos participantes. Fidalgo e Magalhães (2017) argumentam que o contexto escolar cria possibilidades para vivências de formação a seus participantes para se apropriem de uma linguagem menos excludente, ao discutirem as necessidades educacionais específicas observadas em contextos de formação. Nessa direção, a Pesquisa Crítica de Colaboração (MAGALHÃES, 2011) organiza estudos em que se enfatiza a busca pela *práxis*, conhecimento não separável da prática, e formação *in loco*. Por meio da discussão entre os participantes, esse processo organizativo de pesquisa propicia confrontação da realidade em contextos estudados, em relação a participar e não participar, incluir e excluir e como formar. Nesse modo de ver, a linguagem é primordial para demonstrar, discutir e compreender o que é necessário para uma formação pautada na compreensão dos discursos presentes no contexto. Os dados foram produzidos em uma das reuniões semanais para preparar ações de inclusão e coletados por meio de uma câmera de filmagem. Para as análises, o conteúdo temático (BRONCKART, 1997) é proposto para estudar o discurso por meio das configurações contextuais, relações entre os participantes e formas das interações. Nesse modo de analisar, destacam-se as sequências discursivas para compreender como os participantes dialogam e articulam suas falas em relação ao tema tratado ao narrarem, descreverem, argumentarem e explicarem suas ações. Como resultados esperados, esta pesquisa traz ao debate as possibilidades de inclusão por meio da formação inicial e contínua em contexto de escola pública, a partir da disciplina LEM-Inglês. Porém, o diferencial deste estudo é a possibilidade de envolver uma aluna de Ensino Médio como formanda e futura formadora de professores para trabalhar com a inclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência intelectual. Formação de professores. Língua inglesa. Escola pública

